
O LABOR TEOLÓGICO NUM CONTEXTO LATINO-AMERICANO

Pedro Savage

Notas de esclarecimento:

1. O labor teológico como uma vocação cristã verdadeira.
2. O labor teológico no contexto histórico.
3. O labor teológico no contexto latinoamericano.

A Agenda Teológica Imediata:

1. Desenvolver uma abordagem hermenêutica e uma postura teológica.
2. Partir de Deus, de Seu Reino e da História.
3. Situar o pobre ou como fato sociológico, ou como chave hermenêutica.
4. Explicar que o pecado não é um conceito antiquado.
5. Definir que libertação é salvação: de que e para que?
6. Fundamentar que a nova humanidade está em Cristo Jesus ... "O Novo Homem".
7. Proclamar Cristo Jesus, que diz: "Quem dizem que eu sou?"
8. Enfatizar a natureza da Igreja como comunidade, missão e louvor.
9. Identificar o papel da Igreja e do Estado.
10. Afirmar o povo global: a interdependência dos seis continentes.

"Ó profundidade das riquezas,
da sabedoria e da ciência de
Deus! Quão insondáveis são os
seus juízos e inescrutáveis
seus caminhos! Porque quem en-
tendeu a mente do Senhor? Ou,
quem foi seu conselheiro?
Porque dEle, por Ele e para
Ele são todas as coisas.
A Ele seja a glória pelos sé-
culos. Amém. (Rm 11.33-36)

NOTAS DE ESCLARECIMENTO:

1. O Labor Teológico como uma vocação cris- ta verdadeira

Para uma maior compreensão desta apresen-
tação, é importante explicarmos o que se quer
dizer com a expressão "*O labor teológico*". Pa-
ra algumas pessoas, o labor teológico não che-
ga a ser mais do que um estudo da realidade so-
ciológica, sobre uma base empírica, com algu-
mas historietas e analogias bíblicas para en-
riquecer o conteúdo e, assim, dar à exposição
uma autenticidade cristã. Para outros, o labor
teológico é uma expressão popular do sentimen-
to religioso, testemunho pessoal e/ou reflexões
superficiais acerca da fé cristã. E ainda para
outros, o labor teológico é, simplesmente, a
repetição de fórmulas doutrinárias feitas em
outras circunstâncias e explicadas naqueles con-
textos.

Primeiro

O "labor teológico" é uma autêntica voca-
ção cristã, um chamado de Deus a certas pessoas,
as quais foram capacitadas por Ele para esta
tarefa. Elas são uma dádiva Sua à Igreja para
servirem como mestres da fé. Enquanto que todo
cristão necessita que sua mente seja renovada
(Rm 12.2), a fim de que se entendam verdades

espirituais e teológicas, isto ainda não lhes concede autoridade, a seu capricho, de elaborar e apresentar um discurso teológico. Existe um lugar ímpar e autêntico para a "função do magistério" da Igreja, que é a de aperfeiçoar todos "os santos" para o crescimento da Igreja.

Segundo

Estas pessoas foram chamadas a "perceber a mente do Senhor", a estudar e refletir sobre a iluminação do Espírito Santo, a meditar sobre a Palavra, para que, no momento apropriado, falem com a autoridade de Deus sobre o que Ele lhes tem dado. Os teólogos precisam escutar o que Deus deseja comunicar. Este escutar de forma atenta e ativa talvez precise ser de meses ou até de anos, antes que um discurso final seja emitido sobre algum tema.

Terceiro

As personalidades entram em jogo no processo de escutar, discernir e refletir. Deus permitirá que passem por experiências, provas e sofrimentos, com o objetivo de que os teólogos possam ser mais sensíveis ao que Ele está lhes dizendo.

Ainda mais importante é que a teologia nasce no culto: uma adoração a Ele, que nasce de uma visão dEle, por meio de Sua Palavra e de Seu Espírito, que chega ao mais profundo do ser. Existe um verdadeiro misticismo bíblico que requer do teólogo um caminhar junto a Deus, para escutar uma mensagem que, na maioria das vezes, não parece ter importância para esta geração.

Estas duas facetas se combinam: a obediência às suas exigências na vida diária e as experiências que Ele envia, e um verdadeiro prazer nEle, como teólogo, para que, assim, o vaso de barro seja um instrumento útil.

Quarto

O teólogo dedica-se a desenvolver uma mente: uma perspectiva bíblica e teológica sobre todo tema, valor e conceito. Existe uma luta para colocar todo o pensamento e idéia sob o juízo da Palavra. Isto envolve um questionamento honesto e aberto, que o confronta como pessoa, seja solteiro ou casado, pai ou filho, professor ou aluno, proprietário ou inquilino, governante ou cidadão, pobre ou rico, oprimido ou opressor, enfermo ou são, a partir de um quadro teológico coerente. Esta coerência não se dá somente no plano conceitual, mas também na relação entre a articulação conceitual e o viver diário do teólogo. Sua vida espelha suas convicções.

Quinto

O teólogo deve viver em seu século e enfrentar os problemas sem perder de vista as raízes históricas de cada problemática, sua estrutura e seu quadro filosófico. Todavia, o teólogo não trabalha como um sociólogo, um antropólogo ou um psicólogo, limitando-se ao empírico, mas esforça-se por refletir a partir de uma perspectiva bíblica, dando um juízo que reflita a perspectiva de Deus. Trabalha para entender o discurso das ciências sociais, mas não aceita apressadamente as conclusões sem examinar teologicamente o quadro teórico nas quais foram apresentadas. Ao mesmo tempo, resiste à colocação de chaves sociológicas, antropológicas, psicológicas e também filosóficas no mesmo nível das chaves bíblicas, na interpretação da Palavra de Deus.

Sexto

A teologia é, em essência, missiológica. Sua tarefa é desenvolver visões missiológicas com o objetivo de que a Igreja se mobilize no mundo, neste século. É sua tarefa ajudar a Igreja a romper com seus "acomodamentos" e sua

"escravidão" ao mundo que a rodeia para ser obediente ao seu Senhor. Uma obediência que a leva a questionar os elementos de "anti-reino" na sua cultura e no momento histórico em que vive. Sua tarefa pedagógica ajuda a Igreja a crescer em sua missão: sua tarefa profética estimula a Igreja a inserir-se no mundo; sua tarefa é proclamar o evangelho e enchê-lo de significado para este contexto e momento histórico, para que os que se converterem vivam verdadeiramente uma conversão integral e legítima.

Sétimo

O teólogo não é um estudioso de escritório. Ele é um cristão comprometido e envolvido com as realidades de sua Igreja "local" e com toda a tarefa da igreja no mundo. Reflete e escuta a partir da poeira da batalha na qual está envolvida a igreja, na "smog" (nevoeiro) dos problemas que a confundem e nas dores que criam angústia pela vida na sociedade. É a partir deste encontro pastoral que o teólogo fala. Ele vive com sua comunidade, que vive o arrependimento e o perdão; arrisca-se e se entrega em amor; cultiva a esperança e nela se enraíza. Vive e reflete a partir dos feitos e ações obedientes da igreja em sua missão. Esforça-se no Espírito por ser uma comunidade do Reino.

Oitavo

O teólogo está consciente de uma pessoa, a qual está sobre todas as outras, que lhe foi dada por seu Senhor para sua tarefa: o Espírito Santo. Sua tarefa não nasce meramente de uma reflexão conceitual e cognoscitiva; nem só de experiências místicas, mas sim, pela iluminação do Espírito Santo. É Ele, como autor da Palavra, quem por meio dela ilumina, sussura e dá estas intuições extraordinárias e sobrenaturais que dão impulso à tarefa.

2. O Labor Teológico no contexto histórico

A segunda explicação que se precisa dar é que o "labor teológico" acontece dentro de um contexto histórico.

O teólogo deve aproximar-se de sua tarefa com um alto grau de humildade, consciente de que vive *um momento em sua história* que possui raízes no passado. Como pessoa, foi moldado por sua história e pertence ao grupo social que compartilha deste mesmo "amoldamento". Consciente ou inconscientemente, compartilha com seu grupo social toda uma cosmovisão: valores, costumes e instituições sociais. Ele vive sua realidade social. Por outro lado, está consciente de que a cultura a que pertence está em processo de mudança. Como cristão e teólogo, embora não seja historiador, percebe as diferentes ligações que se entrelaçam para chegar a se concretizar o "momento presente" de sua história. É neste "entrelaçar-se" que padrões e estruturas sociais nascem e chegam a formar a sua sociedade.

Embora não seja sociólogo, o teólogo reconhece o que é *estrutura social*. Percebe as inter-relações entre as estruturas, sua dinâmica, seus conflitos, suas lutas e a maneira como chegam a conjugar-se naquilo que é seu contexto. Sem cair em determinismos históricos, sociológicos e psicológicos, o teólogo procura entender os fatores, a dinâmica e suas relações inter e intra estruturais, a fim de que a Palavra se dirija de maneira significativa a elas. Em sua análise do pecado, o teólogo procurará identificar não só as raízes pessoais, mas também as estruturais, que se têm desenvolvido como resultado da própria estrutura.

Por sua própria natureza, estas estruturas possuem de forma inerente algumas "forças e poderes". No mundo ocidental, o processo de industrialização e as metas que estão surgindo com ele têm produzido estruturas sociais hierárquicas de "poder", que correspondem a um

quadro teórico e ideológico. Cada ideologia tende a impulsionar um certo tipo de estrutura, dentro de um conjunto de pressupostos, metas e mitos.

Em contrapartida, em muitos contextos tribais, as estruturas correspondem a outros "poderes". Já não é o executivo, o ideólogo ou tecnólogo, mas sim, o bruxo ou curandeiro que maneja as chaves destes "poderes".

Estes poderes tendem a moldar a estrutura psíquica de quem nasceu e viveu dentro destas culturas. O homem, numa sociedade industrializada, tende a uma atitude e estilo de vida, necessidades pessoais e auto-valorização psíquica diferentes de quem não vive nessa mesma sociedade. As esperanças, temores, auto-valor, segurança interna, valores, etc., ajustam-se para produzir uma pessoa que pertence a seu contexto.

O labor teológico requer que o teólogo escute, reflita e fale a partir de seu contexto. Ele terá que conscientizar-se que seu discurso terá um marco histórico que nasce de seu contexto por um lado, e, por outro, como membro do corpo de Cristo, que estará contribuindo na edificação deste mesmo corpo a partir do lugar em que se encontra. Ao desenvolver sua perspectiva histórica a partir de seu contexto, ele também tomará consciência de sua perspectiva escatológica, a qual lhe permite transcender seu momento. Ou seja, se o teólogo possuir uma adequada compreensão da perspectiva escatológica bíblica da intervenção de Deus na história, poderá ensinar, guiar e estimular sua comunidade de crentes, em seu contexto, a viver da esperança e para a esperança da grande consumação de toda a história em Cristo Jesus. Esta perspectiva levará a Igreja a uma contínua renovação em seu contexto, a centrar-se em sua missão ao mundo, para servir fielmente ao Senhor em seu *momento histórico*.

3. O Labor Teológico no contexto Latino-americano

O labor latinoamericano tem que conscientizar-se que seu ponto de partida está na perspectiva de três grupamentos sociais, que são:

1º) As comunidades autóctones, que se encontram em diferentes lugares da América Latina e que possuem origens históricas milenares. Estas constituem 20% da população continental. Em muitos casos, mantêm suas próprias cosmovisões, valores, costumes e instituições sociais, apesar da onda de genocídio, opressão e humilhação cultural.

2º) O mestiço. São criolos, filhos de espanhóis e portugueses, os quais, na maioria das vezes, conceberam sua descendência durante a época colonial em relações ilícitas. Esta herança marcou a história dos povos latino-americanos, dando-nos uma história, uma língua, valores e tradições comuns. Existe uma história de colonialismo, ao qual se faz constante referência nas marchas, festas, discursos e literatura de cada país. Houve uma libertação política sem uma libertação psicológica integral.

3º) As populações migrantes, que se encontram no estados do sul do Brasil, Uruguai, Argentina e certas regiões da Bolívia e Chile, cujas histórias encontram suas raízes na Europa. Suas culturas, valores, instituições sociais e, em muitos casos, seu idioma são cultivados e protegidos zelosamente desde que deixaram a Europa (há uns 25 a 125 anos). Em muitos destes casos, a igreja é um instrumento social que serve de baluarte à cultura, onde se cultivam os valores, as esperanças e mitos do mundo distante.

A América Latina tem vivido continuamente distintas formas de colonialismo, em que a dependência é imposta e cultivada. Existe uma

longa história de roubo descarado de recursos primários ao longo dos últimos quatro séculos. As colônias foram estruturadas, tanto na forma jurídica como administrativa, para satisfazer as necessidades insaciáveis das metrópoles. Embora há mais de um século estas colônias tenham alcançado sua independência política, a dependência tem se agravado em todos os campos, seja econômico, tecnológico, educativo, científico ou cultural.

Um estudo superficial das estruturas religiosas demonstraria dependência das igrejas das colônias nas áreas litúrgica, educativa, administrativa e teológica.

Durante os últimos sessenta anos, a América vem se esforçando, de forma violenta, para sair de um mundo feudal e entrar naquilo que se denomina de sociedade industrializada. Esta mudança rápida, violenta e explosiva, iniciando-se nas décadas de 30 e 40, deu origem às grandes metrópoles que, muitas vezes sem coerência arquitetônica, social e cultural, se "esparramaram" por milhares de quilômetros quadrados: quilômetros de miséria, desabrigo e alienação. Metrópoles que, na próxima década (como a cidade do México), serão focos explosivos de degeneração social. Na cidade do México, que tem 17 milhões de habitantes, 40% da população não recebe água potável, drenagem saudável e moradias bem construídas; comete-se um homicídio a cada 45 minutos, e para lá migram do campo 1.450 pessoas por dia. Não será esse um país que vive sem esperança de sobrevivência?

Com o surgimento destes monstros em nosso continente, surgem com eles as grandes migrações internas, como também continentais. Buscam-se os mitos de uma sociedade industrializada, os bens de uma sociedade de consumo e a segurança social de um país estável! Neste processo, vai se espoliando a riqueza humana que cada estado e cada província precisa para

seu bem estar; vai se espoliando o desenvolvimento interno e o cumprimento do mandato cultural.

A história do nosso continente oscila entre as agendas da história dos grandes impérios, que as têm imposto sobre nós. Imposições ideológicas, culturais e tecnológicas, que paralizam a criatividade interna de cada país e de cada grupo social. O espaço sócio-econômico é tão reduzido, que é impossível romper o aprisionamento em que nos encontramos. Quando Reagan espirra, nós sofremos de pneumonia! Até o momento, todos os esforços para encontrar um "terceiro caminho" tem sido infrutíferos, como demonstra "Cancun, 1981".

Frente a estas realidades complexas que tendem a paralizar e destruir o ser humano, nota-se a busca de mecanismos psico-sociais para manejar as realidades ao derredor. Um deles é o fenômeno que se denomina de religiosidade popular. Religiosidade que busca dar, ao membro do culto em particular, mecanismos mágicos pelos quais possa sobreviver ao determinismo social que o controla. Religiosidade que busca o rompimento com o destino que lhe sobreveio e alcançar a fonte de poder de onde emana este destino. Procura usar a sorte para ver se, por acaso, consegue alcançar um nível econômico de vida mais alto. E, em muitos casos, esforça-se por se proteger contra essa força opressora que lhe traz "má sorte" nas circunstâncias concretas da vida, como a doença, perda de emprego, perda de dinheiro, etc. Em muitos casos, estas expressões populares são explicações das dinâmicas da realidade, relacionadas com a vida, a existência e o futuro do homem.

De forma paralela, existe outro imperialismo da parte do branco e do moreno sobre o indígena. Imperialismo que insiste em que o indígena seja absorvido pela classe dos mestiços ou dos imigrantes, sendo, com isso, sua

cultura complexa, rica e nobre destruída, freada e arquivada. *Destruída*, porque as terras que eles, durante séculos, habitaram, tornaram-se propriedade "privada" dos grandes latifundiários. *Freada* porque, para que o indígena se sobreponha, terá que adotar os idiomas do mestiço, seus movimentos sociais e lutas de poder, assim como seus processos jurídicos. *Arquivada*, para motivo de curiosidade dos turistas nos grandes museus, em exposições desumanizantes. Entretanto, silenciosamente, a população indígena está em marcha, buscando os caminhos para recuperar sua identidade, seu lugar e participação na história humana.

A agenda teológica imediata é a seguinte:

1. Desenvolver uma abordagem hermenêutica e uma postura teológica neste século

Deve ser enfatizado que o "labor teológico" é tarefa e vocação missionária, que foi dado à igreja em seu chamado a cumprir a missão de Deus no mundo. É um chamado de obediência à igreja em geral e ao teólogo ou mestre em particular. Em sua essência, é tarefa hermenêutica, pela qual se discerne e se busca quem é Deus e o que Ele pede de seu povo no mundo contemporâneo.

Esta tarefa hermenêutica é imprescindível para a igreja, pois identifica o lugar da linha de batalha, o que evita que se envolva em batalhas já passadas e lutas de pouca importância. Para a evangelização eficiente, a igreja precisa identificar seus inimigos, sua força, seus ataques e os êxitos que tais inimigos tiveram no passado, para sair para a batalha e não cair em seus porões, seus edifícios, seus quartéis e trincheiras. No problema missiológico, a tarefa é que se descubra a linha autêntica na qual Deus quer nos envolver.

O que faz com que esta tarefa seja de grande desafio e disciplina é que a abordagem her-

menêutica precisa de duas tarefas exegéticas: uma que ajude a explicar, identificar e apontar os elos históricos do contexto em que a igreja se encontra enraizada; a outra é descobrir o significado da mensagem de Deus, dentro de um contexto social de dois mil anos atrás, descrito no texto bíblico. Ambas são tarefas difíceis! A primeira requer habilidades no uso das ferramentas sociológicas e psicológicas, enquanto que a segunda exige habilidades literárias, gramaticais, linguísticas e históricas.

Deve-se afirmar, contudo, que tanto o exegeta como o teólogo são guiados pela iluminação do Espírito, aquele que originalmente "inspirou" o texto bíblico. Existe uma tarefa humana, como também uma verdadeira inserção divina no processo da tarefa missiológica da hermenêutica.

Esta abordagem hermenêutica não procede da teoria para a prática, como demonstra a atitude platônica, mas, ao responder em obediência, a igreja em sua missão vive sua inserção como uma aproximação de obediência ao chamado de Deus. A igreja, bem como seus teólogos, volta-se sempre de novo à Palavra para reler, refletir e retomar uma postura de obediência ao chamado do Espírito. É na prática da obediência que o teólogo vai descobrindo, com certa clareza, o caminho hermenêutico para o qual a igreja é chamada. É na dor do caminhar que ele comprova qual é a boa, perfeita e agradável vontade de Deus, à medida que sua mente é renovada e sua pessoa é transformada.

O teólogo reconhece em sua humildade que tudo o que ele, ou ela, dizem deve ser questionado pela comunidade e pela Palavra, pois estão conscientes de seu próprio "condicionamento" cultural e ideológico. Reconhece que é filho de sua história e fruto de sua cultura; que precisa questionar sua própria cos-

movisão, seus valores e instituições sociais a partir de seu contexto histórico. Esta postura de "suspeita" permite a ele e à sua comunidade retornarem, vez após vez, à fonte da Palavra para renovar o chamado, a visão e a mensagem.

2. Deus, Seu reino e a história

Existem duas áreas de preocupação teológica:

Primeiro: a igreja evangélica na América Latina, em seu desejo de crescer e desenvolver-se à luz da "igreja primitiva", tende a deixar de lado suas raízes históricas, não desenvolvendo uma consciência adequada da continuidade da igreja através da história e de sua rica herança, a qual ela tem na "sabedoria comunitária" que vem adquirindo através dos tempos.

Em parte, esta falta de consciência histórica se deve ao movimento missionário do norte, que não tem ajudado a desenvolver na igreja evangélica da América Latina uma apreciação pela reforma espanhola, uma compreensão da contra-reforma e do impacto do Concílio de Trento sobre este continente, e a dinâmica existencial da cultura latino-americana. A igreja chegou a tornar-se um filho "pseudo-saxão", seja em sua liturgia, programas educativos, estruturas, lideranças, etc.

O problema se torna mais grave quando se observa o fato de que o movimento missionário traz do norte uma religiosidade privatizada, baseada no divórcio entre a criação e suas exigências universais, e na redenção como um resultado privativo da obra do crente frente a Deus. O Senhor deixa de ser o Senhor da história e de todas as coisas. O crente somente descobre Deus dentro do acontecimento da igreja e de sua vida privada, esquecendo-o em sua vida social. O evangélico, por conseguinte, tende a ser a-histórico e apolítico.

Segundo: mesmo que afirmemos que Deus é ativo, existe uma tendência ingênua de crer que O temos preso em nossa estrutura particular, em nossa denominação, ou ainda em nossa igreja local! A pergunta-chave que precisamos formular, hoje em dia, na tarefa missionária, é: onde está Deus atuando? Como podemos reconhecer as evidências de Sua inserção e atividade? Devemos limitar a ação de Deus somente no "engordar" as igrejas e seus edifícios? Ou estará Deus atuando também nos movimentos de libertação, permitindo que o oprimido descubra sua liberdade, e os povos debaixo da opressão, seu "êxodo"?

Para articular isto melhor na linguagem do Reino:

- * Onde podemos ver o reinado do Senhor em nossos contextos?
- * Quais são as evidências e as marcas de Seu reino fora da influência direta das estruturas eclesiásticas?
- * Pode Deus atuar através dos elos da história ou será Ele somente um espectador que se senta ao lado da "cancha", rindo-se das brincadeiras idiotas que a humanidade faz?
- * De que maneira satanãs e seu reino influem no desenvolvimento de um anti-reino?
- * Quais são as marcas e evidências deste anti-reino?

3. O pobre, um fato sociológico ou uma chave hermenêutica

Entre os fatos aterradores de nossa época encontramos a existência de uma onda de pobreza em nosso continente. Além disso, há uma humanidade oprimida - homens, mulheres e crianças - sob as pressões sociais da industrialização acelerada, do crescimento descontrolado da cidade, da corrupção do governo. Na burocracia estatal e dentro do poder judiciário,

que é usado inescrupulosamente, se dá a corrupção também no uso e abuso da posse de terras férteis e num mercado livre aberto apenas para aquelas pessoas que têm poder e recursos adequados. Esta humanidade vive com poucas condições de vida, seja quanto a saúde, educação, casa, água ou alimentação adequada.

As teologias da libertação tendem a usar este fato aterrador como uma chave hermenêutica para a interpretação da Palavra. Afirmam que Deus optou pelo pobre; que salvação, em sua essência, é libertação para desfrutar as opções da vida; que esta libertação é um sinal do Reino porque expressa a solidariedade de Deus para com os oprimidos, e que a liberdade que vem desta libertação significa verdadeira solidariedade para com os pobres. Torna-se um estilo normativo para a igreja o fato de ela ser igreja dos pobres e para os pobres. Estes pobres, como membros do reino, libertar-se-ão num verdadeiro ato de amor, como também libertar aos opressores. O êxodo é uma experiência legítima para todo o povo no momento histórico em que Deus atua a favor de sua libertação. A verdadeira espiritualidade, por conseguinte, é tornar-se pobre com o pobre, em solidariedade com suas realidades de opressão, com a finalidade de trabalharem juntos para uma libertação integral.

Por outro lado, o movimento conservador (o evangelicalismo) da igreja protestante envolveu-se em um assistencialismo como expressão de caridade, sem chegar a articular uma teologia clara face a esse fato brutal! De sua parte, alguns evangélicos têm justificado a ausência de uma resposta autêntica e coerente de sua parte, insistindo em que a tarefa primordial do "evangelismo pessoal" lhes dá a justificativa para isso. Este apego ao evangelismo pessoal está justificando a "privatização" do evangelho e a ausência do mesmo face aos problemas de nossa época. Isto eviden-

cia uma falta de reflexão teológica frente a um Deus soberano sobre sua criação e sobre a totalidade dos seres criados, assim como também frente ao senhorio de Jesus Cristo em seu reinado dentro das realidades de nossa história, etc. Em muitos casos, este escapismo da realidade em que vivemos na nossa história latino-americanase deve a uma fácil alusão ao fato de que a sociedade é o território satânico, enquanto que a igreja é o de Deus. Isto é um dualismo absurdo e anti-bíblico!

Permanecemos, contudo, com várias interrogações:

* Qual é o chamado da igreja frente aos oprimidos, às viúvas, aos órfãos e aos pobres?

* É certo que a providência e a justiça de Deus se estendam para além da igreja, abrangendo o mundo, dessa maneira exigindo da igreja um ministério profético dentro da sociedade?

* Como atua a igreja frente a todo tipo de violência, legal ou ilegal, que a rodeia em todas as partes de sua vida?

* Pode ela estar envolvida em movimentos revolucionários, como aconteceu no movimento sandinista?

* Deve a igreja sofrer e lutar só por sua liberdade religiosa, ou também pela liberdade dos que sofrem, como uma verdadeira expressão da misericórdia e justiça de Deus?

4. O pecado ... um conceito antiquado

Um dos conceitos teológicos que, com espantosa frequência, se está deixando de usar é o do pecado. Na América Latina, à medida em que o determinismo é aceito (seja do mercado, da estrutura psíquica, da cultura, etc.), este conceito de responsabilidade pessoal (de liberdade e plena resposta do homem a seu Deus em todas as esferas da vida) está sendo perdido.

Dentro de certas teorias, o conceito de pecado pessoal tem sido esquecido gradualmente e foi substituído pelo conceito de pecado social e estrutural. A humanidade está circunscrita em uma luta de classes: o ser humano se debate ou do lado do opressor, ou do oprimido. É pecador porque peca contra aquele que sofre a infâmia da injustiça, ou porque recebe a consequência daquele que peca contra ele. Assim, os pecados pessoais, como avareza e inveja, desaparecerão na medida em que a luta social se resolver. O centro deste debate se encontra na substituição de uma análise do problema da humanidade por outra.

A Bíblia vê a essência do problema do homem na sua rebeldia contra Deus, não só no plano pessoal mas também no plano social que, em última análise, é o problema da idolatria. A outra análise, que conflita com esta, vê a essência do problema dentro de um plano humano e horizontal, na confrontação de um grupo social com outro.

O problema se agrava ainda mais entre os evangélicos na América Latina. Para estes, o pecado é visto dentro de uma série de restrições legalistas. O evangélico é cristão porque em sua vida privada não fuma, não bebe e não frequenta certos lugares. A ênfase na santidade da vida integral se reduz a uma separação física de certas pessoas, lugares e hábitos. Existe pouca compreensão acerca do papel que deve ocupar a lei na vida do crente, ou a dinâmica do Espírito no desenvolvimento do fruto, como também a compreensão de uma vida integral e abundante em Cristo Jesus. Na verdade, com o trabalho de aconselhamento pastoral, frequentemente se descobre que o pecado torna-se realmente pecado quando o pecador está em perigo de ser descoberto e, assim, perder o seu "bom nome".

Por sua natureza, este conceito de pecado é privatizado porque não existe, em círcu-

los conservadores, consciência do que são ou devem ser a inserção social e as exigências de uma ética social. Isto implica em que o movimento evangélico não está em condições de assumir seu chamado para a inserção nas diversas realidades sociais de nosso continente. Ainda em muitos círculos confunde-se a insistência e o apoio aos direitos humanos como intromissão da "esquerda".

5. A libertação ... salvação de quê e para quê?

Mesmo que a redenção e a salvação sejam dois conceitos soteriológicos chaves na exposição do evangelho em nosso continente, em círculos evangélicos e durante a última geração, o conceito de "libertação" está ocupando um lugar de muita importância em nossos dias. Costuma-se enfatizar a libertação "de" mais do que a libertação "para". O êxodo, em contraste com a entrada do povo de Israel na terra prometida, é a analogia bíblica enfatizada.

Esta salvação é articulada dentro de um contexto católico-romano, onde o conceito de pecado e a habilidade humana de salvar-se articulam-se dentro de uma visão pelagiana. São os pobres (os oprimidos) que se libertam por sua própria iniciativa e capacidade. Torna-se, assim, um ato político para assegurar uma utopia política. Além disso, esta visão do "libertado" constrói-se sobre sonhos e esperanças legítimas daquelas pessoas que desejam alcançar uma vida melhor: a liberdade para desfrutar o que os "livres" já têm alcançado. Não são somente os libertacionistas que argumentam seu "evangelho" a partir destas raízes. Pelo contrário, é isso que fazem quase todos os "evangelhos" contemporâneos, desde a religiosidade popular até as teologias do desenvolvimento e da felicidade em círculos conservadores.

Uma versão mais secular da "libertação" é o evangelho do "progresso", da "modernida-

de" e do "desenvolvimento", onde se espera que as pessoas em condições infra-humanas possam alcançar, com o tempo, um nível mais alto de vida, como também melhor poder aquisitivo. Este evangelho, unido ao evangelho do "consumismo", produziu mitos, mensagens e visões que exercem uma influência poderosa em nosso continente, que enganam as pessoas em seu desejo de chegar às cidades com ruas pavimentadas de ouro, às redes e embalos do prazer, às festas do deleite social. Este desejo os leva do mundo rural para o urbano, dos níveis baixos para os mais hierárquicos, das condições de poucos recursos aos postos de maior poder aquisitivo. O poder, o status e a hierarquia estão entrelaçados com um conceito sexual da vida, utopia, numa ilusão de turismo e ócio.

Este evangelho secular do "desenvolvimento" tem atraído muitos evangélicos, na América Latina, a projetos de desenvolvimento, os quais não refletem um quadro teológico ou um questionamento bíblico. Tal evangelho está baseado na compaixão pelos necessitados e envolvido com um pragmatismo do êxito! Presume-se que, onde quer que exista necessidade "sentida" ou "real", os cristãos tem que dar uma resposta com os recursos de que disponham. A solução deve ser eficaz. Em alguns casos, existe um grande desejo de apresentar a obra salvífica de Jesus Cristo como apêndice a seus esforços de "desenvolvimento".

Ambas as teologias, a da libertação e a do desenvolvimento, despertam e levantam uma série de perguntas: podemos responder ao mandato cultural de Gn 2 fora das exigências e da esfera do reino de Deus? Qual é a sua relação? Podemos começar a tratar das necessidades das pessoas em situação de pobreza e opressão antes de tê-las chamado ao arrependimento, a renunciar ao espírito opressor que vive nelas? Pode haver uma verdadeira libertação fora do âmbito do reino de Deus?

6. A nova humanidade em Cristo Jesus ...
"o novo homem" ... a nova humanidade

Quais são as concepções de "homem" existentes na América Latina? A visão *mais antiga*, e que lentamente está desaparecendo, é a do mundo rural e indígena. A visão do homem e mulher, com família de muitos filhos e netos, vivendo juntos na terra herdada de seus antepassados, com seus animais, comida e água abundante. É um grupo bem unido e trabalhador. Sentem alegria e prazer em reunir-se para uma boa festa de vários dias, com muita comida, música, conversa e humor. Comer bem com os parentes e amigos do povo é uma visão integral de muitos indígenas, como por exemplo os "tobas", no norte da Argentina.

A *segunda* é a do homem "moderno" e "industrializado". O homem auto-suficiente, que alcançou, através de um processo "educacional", os mais altos degraus da autonomia social, segurança, riqueza, poder e status em seu círculo social. Pertence a clubes de prestígio e círculos de influência. Ele não rompe com seu núcleo familiar, pelo contrário, juntamente com a família é que alcança estes níveis de êxito social. Naturalmente, ele paga um preço exorbitante para alcançar este status social, porque agora sua esposa precisa trabalhar da mesma forma que ele e, além disso, em muitos casos, precisa manter vários trabalhos e "biscates" onde puder. Desenvolve uma rede de relações de "influências", com a qual está constantemente "endividado" por causa de "favores" recebidos para garantir o próximo degrau da escada do "êxito" social. Através de todo esse processo, vai se desfazendo de vários costumes e valores para absorver aqueles dos degraus mais altos. Em muitos casos é a aquisição de certo tipo de automóvel, certa casa em determinado bairro, certo clube, música, banco, etc. Até seu próprio nome é modificado para vincular-se com certa linhagem.

A terceira nasce em um contexto socialista, onde se presume que homem e mulher vivam uma vida de solidariedade, igualdade de oportunidades nos campos educacional, de trabalho, de profissão, etc., e onde a luta de classes desapareceu e o governo do povo, pela mediação do partido, garante estas oportunidades. O êxito não se mede a nível de status, nem de lazer ou de prestígio, mas sim de solidariedade com as necessidades do homem e da mulher trabalhadores. Esta terceira visão só está implantada, até o momento, em Cuba, embora os meios de difusão tenham-na divulgado por todo o continente.

Nos círculos evangélicos, a visão do "novo homem" é a do cristão que é "nascido de novo" em Cristo Jesus. Através da pregação do evangelho, dando ênfase à conversão, regeneração e santificação, produz-se uma mudança na vida do crente. Esta mudança se dá a nível eclesiástico e pessoal e implica numa participação na vida e atividades da igreja local, numa negação de hábitos e costumes como fumar, beber bebidas alcoólicas, etc., numa vida devocional por meio da leitura bíblica diária. Em muitos casos, o progresso na vida cristã mede-se pelo envolvimento na hierarquia de atividades que a igreja institucional exige dentro do mundo de seu tempo.

Esta mudança evangélica, em muitos casos, é uma mudança eclesiástica, em essência. Seus valores, adquiridos de uma sociedade em contexto católico-romano, somente são modificados em relação ao seu envolvimento num novo contexto social protestante. Seus valores sexuais, de trabalho, de lazer, de hierarquia social, etc., continuam inalterados. O evangelho torna-se a mensagem de Deus para seus momentos de crise, depressão, solidão, desorientação e felicidade interna. Em poucos lugares, nos círculos evangélicos, tem se implantado uma visão integral do novo homem em Cristo, na qual se viva

o senhorio de Cristo na riqueza desta nova visão.

7. Cristo Jesus ... "Quem dizem que eu sou?"

Existem várias imagens de Cristo Jesus. As duas mais antigas são de um bebê, impotente nas mãos fortes e vigorosas de Maria, a virgem e a pura. A segunda é a de um Jesus que sofre as torturas da cruz, em agonia, enquanto a bem-aventurada Maria está de pé, com amor e valentia, junto a seus pés. Em ambas as imagens Maria, a bem-aventurada, símbolo de pureza, se nos apresenta como a imagem a que o adorador pode dirigir-se para encontrar consolo. Nos últimos anos, Jesus foi apresentado como guerrilheiro armado, que, de pé, se identifica em solidariedade com os que sofrem, com os oprimidos e que buscam sua libertação. Em muitas apresentações, Che Guevara, Sandino e outros parecem ter a mesma importância que Jesus Cristo.

As duas primeiras imagens estão enquadradas dentro do conceito mágico e sacramental de Jesus, através do qual se pode, por meio da intercessão da virgem Maria, a puríssima, resolver problemas, alguma rixa, encontrar trabalho, curar um enfermo, acertar-se com um vizinho "chato", ter êxito nos exames, etc. Suas exigências ou pagamentos por "serviços prestados" são "oferendas" em dinheiro, prata, ouro, adoração litúrgica ou, ainda, peregrinação.

A última imagem é desenvolvida num contexto revolucionário, onde a violência física é aceita como instrumento de libertação. A ética pessoal está subordinada à social, e a liderança do grupo sobrepõe-se à consciência pessoal. Em sua essência, a imagem de Jesus Cristo como guerrilheiro é de inspiração e motivação.

Nas imagens antigas, a imagem de Jesus produz fatalismo, inatividade, pacifismo. Na última, ressalta-se a atividade, o compromisso, a solidariedade e a inserção histórica. O interessante é que jamais se apresentou Jesus nas

linhas de batalha com uma arma na mão e um morto a seus pés. Todavia, é o Jesus místico da guerrilha.

Nos círculos evangélicos, a imagem que predomina é a do Jesus amigo. Na agonizante solidão da cidade, frente à insegurança devida aos numerosos homicídios, num mundo alienado e desorientado, Jesus é aquele que anda ao lado, que fala e compartilha estas experiências da vida diária. Nos numerosos testemunhos dados nas nossas igrejas, é este Jesus que aparece vez após vez.

Esta imagem, unida à de um Jesus como bondoso curador nos círculos pentecostais, que também perdoa e dá um seguro de vida tanto para esta, como para a vida do futuro, essas duas imagens, repito, compõem a imagem evangélica de Jesus. Frequentemente, a imagem de Jesus chega a ser confusa. Por exemplo, quando o evangelho do "progresso" mostra um Jesus em traje de "executivo", dirigindo um automóvel do último modelo. Confunde-se aí a utopia do céu "além" com a do céu aqui e agora.

Todo o latino-americano crê em Jesus Cristo! A pergunta que deveríamos fazer é: qual Jesus Cristo? Todos afirmam sua divindade, sua vida além. Alguns enfatizam sua humanidade com o bebê, outros, seu papel didático, mas poucos percebem o papel que ocupou na encarnação, na cruz e na ressurreição. Também poucos enfatizam seu papel como Senhor da história e Senhor de todas as coisas, reinando já em seu reino, hoje!

8. A natureza da igreja

Uma das tarefas singulares do teólogo, nesta década, é a de ajudar as igrejas em nosso continente a descobrirem sua identidade diante da multiplicidade de denominações e agrupamentos eclesiásticos. Por exemplo, existem mais de 500 denominações pentecostais no Chile, 300

denominações diferentes da igreja batista na América Latina, sem mencionar os diferentes agrupamentos reformados, presbiterianos, luteranos, etc.

A maioria não tem consciência de suas raízes históricas, nem da base teológica em que foram fundadas e que deu origem à sua estrutura eclesiástica, como se apresenta no dia de hoje. Muitos estão conscientes de sua liturgia, ordem estrutural, atividades e autoridades, mas são membros unicamente pelo fato de terem se tornado cristãos nessa comunidade.

A sombra da Igreja Católica Romana pesa fortemente sobre a igreja evangélica em várias áreas de sua vida religiosa. Por exemplo, o papel do bispo (o cacique evangélico), do templo, do culto dominical no templo e do culto como base da religiosidade pessoal. Muito frequentemente, a influência mágica e sacramental que se encontra nas esferas católico-romanas passa a ser vivida dentro dos círculos evangélicos, sem que estes percebam o fato. Quando o movimento evangélico iniciou na América Latina, houve um esforço para construir templos mais simples e pequenos, multiplicando o papel da congregação ligada com os grupos populares. Ultimamente, percebe-se que o protestantismo "apaixonou-se" pelos seus edifícios e pelo desejo de construir grandes catedrais, deixando de lado sua herança de grupos dinâmicos e pequenos.

Apesar disso, estão surgindo movimentos de renovação na América Latina, mas são limitados em sua influência e alcance. Contudo, devem ser estudadas e promovidas as mudanças que estão ocorrendo em seus círculos, nas áreas da liturgia, estrutura da igreja, estilo de liderança e uma abertura mais sensível para a obra do Espírito Santo.

No entanto, persiste o desafio de mostrar à igreja evangélica suas raízes universais e

verdadeiramente ecumênicas. Ela deve conscienciar-se de que *faz parte* do grande movimento histórico do povo de Deus, que está no caminho da história humana como peregrina em busca de uma cidade que não é deste mundo. Deve redescobrir o que significa viver em *comunidade*, família e corpo (no sentido eclesial e dinâmico) em meio a uma sociedade alienada, desumanizada e de consumo. Por enquanto, é uma *comunidade missionária*, que expressa e vive a riqueza do que é o reino do Senhor dentro de um contexto de anti-reino demoníaco. É uma missão que impulsiona todo o crente a viver sua missão como vocação e chamado do Senhor ao serviço e ao testemunho. É testemunho que nasce de um estilo de vida libertada, integral e plena, num contexto onde o cristão vive para a glória de Deus. E, quanto ao *seu culto*, nascerá de um respirar da beleza e da glória de Deus, encarnado em seu contexto, como prazer de um Deus que é soberano e também amigo, que caminha ao seu lado.

9. A igreja e o estado

Uma das estruturas sociais que se deve questionar a partir de uma perspectiva teológica é o estado. O que é que justifica a sua existência? Quais são os sinais essenciais de um estado/nação a partir de uma perspectiva bíblica? Quando podemos falar que um estado/nação está deixando de ser aquilo para o que foi criado? Como opera o poder no estado? Quais são os parâmetros de um estado/nação justo? Pode-se falar de um estado/nação sujeito a Deus, a Seu reino, soberano sobre Sua criação? Que papel assume o estado frente ao reino de Deus?

Se aceitarmos a teologia reformada dos decretos de Deus como base de nossa reflexão, que relação tem o estado com as outras estruturas sociais, que são o matrimônio, a família e o trabalho? Pode o estado/nação ter um poder tão extenso que chegue a legislar sobre

todas as facetas da vida, ou deve ser restringido a certas áreas da vida social, para o bem-estar da sociedade?

Que papel assume a igreja face ao estado? Ambas são instituições políticas, ambas se relacionam com a mesma sociedade, ambas usam o poder, ambas têm estruturas sociais, ambas possuem riquezas, ambas apelam em suas mensagens ao mesmo grupo humano. Qual deve ser sua relação? Pode uma estar sujeita à outra? Possui cada uma o seu âmbito e, por conseguinte, sua autonomia?

Existem experiências distintas, por parte da Igreja Católica, face ao estado na América Latina. Em algumas, a igreja se acomodou para ser a igreja do estado, enquanto que em outras manteve-se a uma distância saudável, que lhe permitiu viver sua autoridade, sua identidade e sua missão. As igrejas evangélicas, entretanto, não têm tais experiências e ainda buscam seu momento de inserção face ao estado. Em muitos países, o único papel que a igreja tem exercido frente ao estado é lutar por sua liberdade religiosa e o espaço para celebrar seu culto. Em poucos a igreja tem se estabelecido como entidade social, que ocupa seu devido lugar como instrumento de Deus na história do povo.

Na tarefa teológica, devem ocupar-nos as ideologias contemporâneas do estado. Em primeiro lugar, existe uma minoria com o poder que, por razões próprias, assume a autoridade do estado, o governo. Com frequência, esta minoria representa os interesses dos mais poderosos e, em especial, do poder militar. Eles controlam o estado à sua vontade, com critérios que correspondem ao seus interesses, exigindo da maioria uma sujeição desumanizante. Por conseguinte, conscientes do que deve ser nossa teologia do estado, existem perguntas como estas:

19 Quando é que um golpe de estado torna-se o governo legítimo de um estado? Este governo expressa a vontade de Deus para este estado? Quando e em que áreas a igreja deve envolver-se em desobediência civil, especialmente quando o governo, de fato, representa uma minoria?

20 Tem se promulgado uma ideologia do estado, a "defesa nacional", que representa uma aproximação a uma idolatria do estado pelo estado. Esta ideologia se expressa, muitas vezes, em linguagem religiosa, dentro de um contexto capitalista, que reflete uma idolatria do estado como entidade social acima da lei, da moral, da razão e da justiça, que não tem contas a prestar diante de ninguém, a não ser de si mesmo.

10. O povo global ... a interdependência dos seis continentes. Cancun

É interessante observar que as recentes reuniões, em Cancun, dos países "industrializados" e "desenvolvidos" com os países "em vias de desenvolvimento" (subdesenvolvidos) aconteceram numa cidade muito nova, de apenas alguns anos. Antes, era uma praia, à margem de uma densa floresta selvagem.

Por muito tempo, o terceiro mundo vem tentando convencer o primeiro de que sua economia, seu desenvolvimento tecnológico, seu desenvolvimento educativo e seu "progresso" dependem diretamente da economia, estilo de vida, poder e avanço tecnológico do primeiro mundo. Existe um dever moral que exige que o primeiro mundo seja responsável em ajudar seus vizinhos em seus esforços de "progredir" e, assim, frear a corrida do pobre que se torna cada vez mais pobre, e do rico que se torna cada vez mais rico.

Durante os últimos anos, o movimento missionário percorreu os mesmos caminhos dos ho-

mens de negócio, dos exércitos e dos centros de poder estabelecidos pelos grandes imperios ocidentais. Muito freqüentemente, o evangelho tem sido apresentado em roupagem ocidental, com uma dependência estruturada e com fontes de poder embasadas nos países que "enviam os missionários". Muitas das igrejas do terceiro mundo têm se estruturado da mesma forma que as igrejas-mãe. Seus hinários, sua liturgia, seus programas de educação cristã e teológica, seus edifícios, etc., todos têm a etiqueta: "made in USA".

Na mesma medida em que a Igreja Católica foi estabelecida na América Latina pelo poder da espada, a igreja evangélica, em muitos casos, tem se estabelecido pelo poder do "dólar". Bem freqüentemente, os movimentos missionários para-eclésiásticos aparecem como estrutura "transnacional", e não como a dos 70 discípulos que o Senhor enviou a discipular.

Todas estas realidades nos confrontam com uma série de interrogações bíblicas:

19) Se a igreja gentílica encontrou sua liberdade em relação ao domínio da igreja judaica em Atos 15, com a finalidade de que o Espírito Santo pudesse dirigir a igreja como Ele quisesse, quando encontrará a igreja do terceiro mundo o seu "Atos 15"? Não deve a igreja, em cada geração e em cada contexto, redescobrir sua autoridade como uma autoridade delegada diretamente por Jesus Cristo, para esta tarefa missionária, neste contexto e neste momento histórico?

20) Quando se alcançará um verdadeiro sentimento de companheirismo, igualdade e responsabilidade entre as igrejas, a nível dos seis continentes, para que juntos possamos escutar a voz de Deus para a missão da igreja em nosso mundo? A igreja do primeiro mundo se outorga o direito de ser aquele que julga e censu-

ra os "nativos" do terceiro mundo, acusando-os e exortando-os por causa de muitos erros (como sincretismo, nacionalismo, etc.). Quando poderá a igreja do primeiro mundo escutar as exortações que precisa receber de seus irmãos do terceiro mundo, sobre sua falta de missão em seu continente, suas acomodações, suas sociedades de consumo e seus sincretismos?

39) Na medida em que exista uma consciência global de nosso mundo, a igreja também irá tomando consciência de sua identidade global. Por conseguinte, a tensão entre local e global torna-se uma dimensão missionária que nos mostra com mais clareza o chamado missionário, "de Jerusalém, Samaria e até aos confins da terra"! Poderá a igreja romper suas barreiras tribais para obedecer? Poderá a igreja sobreviver, se continuar acompanhando o crescimento das estruturas para-elesiásticas a nível internacional?